

# DOUG e ADAM



ADAM.

# SUMÁRIO

SÍLUF.05

SETE COLINAS.13

YISHÚA.39

KSILI.65

SHAMAR.80



SÍLUF

Em meio ao breu, toma forma uma imagem. Vê-se uma cidade sobre uma bandeja, e sob a bandeja não se vê nada além de escuridão. Ali, flutuando em meio a densa fumaça, está exposta à Cidade de Demônios. Vozes exasperadas brotam de becos úmidos e escuros, rasgando toda a superfície em direção às quatro arestas, misturando-se então com a pesada neblina, são extraviadas pelo oculto. Dos limites da cidade vertem choro sem fim e gemidos angustiantes. É possível sentir o ruído de muitos dentes gastando pedras e unhas rasgando a pele, como quem está à procura de um local para se esconder.

É praticamente impossível decifrar tudo o que se ouve ou distinguir todas as coisas que dali se veem.

Em certo momento uma grande mão emerge do oculto que envolve a bandeja. Mão de dedos finos e longos, cada um com apenas duas falanges, o que os tornam completamente desproporcionais em relação à palma. Ainda nas extremidades, notam-se unhas afiadas semelhantemente compridas, feitas da mesma fumaça que envolvia tudo. A mão então segurou a bandeja pela base, trazendo-a para perto, como faz um garçom que está a servir os convidados. Agora com a bandeja próxima à face, noto sobre ela um grande pedaço de carne podre junto a



uma estopa embebida em vinho estragado, já com odor de vinagre.

Em um movimento brusco, a grande mão corta a carne ao meio com a unha do indicador esquerdo, seguido pelo som de uma voz rouca e abrasiva oferecendo-me um pedaço.

“Coma um pouco disso que te sirvo!”

Nesse instante notei que tudo estava quieto. O choro, os gemidos, os dentes que rangiam... Não havia mais nada além da oferta. Antes que eu pudesse responder, repentinamente o solo sob os meus pés se desfez.

Não havia mais firmamento.

Uma queda livre em alta velocidade me faz pousar sobre aquela carne podre, como uma grande pedra atirada do alto em um lago pro-fundo. O impacto sobre a matéria faz jorrar sangue coagulado por toda a bandeja. Primeiro meu rosto, depois o restante do corpo. Meus olhos se encheram de linfa decomposta.

Quando me levantei tudo estava embaçado na cor vermelha. Por um tempo não foi possível enxergar até que algo ou alguém passou um pano seco na minha face, limpando-a do sangue daquela carne deteriorada, entregando-me de volta a nitidez. Contudo, o que vi agora era ainda pior. De pé em meio a via principal que conduzia à Cidade de De-

mônios, tudo era ainda mais aterrorizante. A minha frente, agora havia um apinhado de pessoas, ruínas e depravação.

Ouçõ então um grito vindo da escuridão.

— Tem misericórdia de mim! Molhe a ponta do dedo na água e refresque a minha língua, pois o fogo que me queima não permite que eu morra.

O som daquela voz era como de criança, porém as palavras saíram pela boca de uma idosa que agonizava solitária no final de um dos muitos becos da cidade. Seu terrível clamor impregnou em meu estômago. Pude sentir o sabor da sua angústia.

Infelizmente nada podia ser feito, pois havia um imenso abismo que impedia aqueles que desejavam passar para o outro lado.

Vi que a Cidade de Demônios se esparramava horizontalmente em todas as direções. Suas vielas ramificavam por toda bandeja como raízes gramíneas, emendando-se aos pés de todos que ali existem, prendendo-os ao solo.

Por sua vez, os que ali existem eram como ramos continuamente enveredados em direção à escuridão, de modo que, sofrimento e lágrimas serviam de adubo para seus frutos e seus frutos eram o sustento de todos os que ali choravam e sofriam. Assim, os que na cidade habitam, comem do que ela produz e o que ela produz, se alimenta de todos que

habitam ali.

Tomada pelo fogo e enxofre. Tudo o que outrora continha vida, agora derretia eternamente, ainda que nada de fato morresse. Um calor ardente que instiga gemidos, seca a pele e ferve a alma. O que se vê nessa cidade é uma imensidão de corpos enrugados, repletos de rachaduras e, no ar, o odor de metal oxidado.

Feroz e ensurdecedor é o vento que a corta. Preenchendo com violência cada espaço que encontra, faz tremer até as mais altas construções. Ainda assim, nenhum lugar é suficientemente ventilado a ponto de prevenir a incessante asfixia, diluindo no ar o bafo corrompido.

Notei que o vento entregava a cada um o ar que merecia. Vi que muitos tentavam segurar a respiração na esperança de encontrar consolo no próprio fim, contudo, o fim não lhes encontrava.

Terrível cidade de almas putrefatas e solitárias.

Dali onde eu estava era possível ouvir as orações, os pedidos e os clamores.

— Socorro! Socorro! — diziam muitos.

Todas essas vozes subiam como um coro fúnebre e cínico, mas retornavam sem resposta. Clamando por socorro, o socorro não se apresentava. Pedindo pela morte, essa também já não lhes



atendia. Novamente a grande mão acinzentada corta a cidade ao meio com a sua unha podero-sa.

O que vejo agora é uma projeção ortogonal em um plano paralelo à superfície. Consegui ver a Cidade de Demônios em toda a sua medida.

Então a voz áspera me fez nova indaga-ção:

— Quer saber?! — questionou-me.

Dessa vez pude responder.

— Quero.

Imediatamente a mão acinzentada voou feroz sobre toda a bandeja, como um imenso e violento pêndulo. Tudo o que estava sob ela virou cinza de palha misturando-se com o ar quente.

Em meio a muita fumaça, consegui decifrar que havia algo sentado em um grande banco feito de ossos e carne fresca, próximo à beira do abismo que impedia aqueles que dese-javam passar para o outro lado.

Sem forma, mas com formato, aquilo que estava sentado começou a proferir:

— Soube o que foi dito? Que haja luz! Mas a *luz* não lhes interessou. São apaixonados pela escuridão. Dentre todas as coisas que odeiam, não há nada que lhes cause maior fúria do que um não. Soube o que foi dito? *Não coma!* Então desde aquele dia, se tornaram insaciáveis. — disse com grande sarcasmo.

— Quem são eles? — perguntei.

— Quem são eles?! — retrucou a voz com grande ironia. — Ah, se soubessem o quanto custaria. Quem são eles? São aqueles que jamais se conheceram. Aqueles que nunca se viram — respondeu sorrindo.

Um instante depois de ter dito essas palavras, aquilo que estava sentado no trono de ossos e carne começou a vibrar violentamente até se desfazer na escuridão. Nesse momento, a grande mão retirou a bandeja da minha face e a Cidade de Demônios se distanciou da minha presença.

Ouço em seguida outra voz. Voz firme como o som de muitas águas, que me diz:

“Não tenha medo! Eu sou o primeiro e o último! Andarei contigo”

Assim que ouviu essas palavras, um forte soco no peito faz o ar voltar com vigor para dentro dos pulmões, interrompendo o pesadelo.

Doug acorda assustado. Tomado por um pico de adrenalina que dura por alguns instantes, o jovem encontrava-se respirando intensamente, como se tivesse acabado de se libertar de um sufocamento.

Ainda um pouco desorientado, não recordou de imediato onde estava, mas quando notou no teto aquela enorme lâmpada que mais parecia um balão pendurado, os sentidos voltaram.

— Que sonho louco foi esse! — disse ex-  
pirando profundamente.

Com o pijama completamente empapado de suor, notou que não seria possível escapar de um bom banho.

Doug estava de volta à cidade de Sídoro.

Particularmente não sentia saudades, mas dessa vez também não sentia repulsa. A essas alturas já tinha compreendido que o me-lhor caminho era o da obediência. Além do mais, ao menos agora a sua tarefa estava clara:

“Vá e avise a todos: a cidade cairá sobre vo-  
cês, mas vocês cairão em Minhas mãos e não per-  
manecerão caídos.”

Como era de costume, carregava consigo apenas a sua mochila de viagem. Das suas experiên-  
cias passadas, sabia que nela haveria tudo o necessá-  
rio para fazer exatamente o que lhe foi ordenado.

— De fato, assim tem sido.



# SETE COLINAS

Coincidentemente, Doug estava mais uma vez hospedado no hotel Naós, no mesmo quarto do décimo andar. Quarto no qual havia se hospedado em sua última visita à cidade.

Quando despertou, o sol já estava a pino, por isso notou que a hora já estava avançada. Tendo ele pressa, sem se prender em maiores observações, foi logo tomar uma ducha na esperança de conseguir aproveitar ainda um pou-co do delicioso café da manhã que o hotel dispunha.

Terminando o banho, secou a água do corpo e, jogando a toalha úmida sobre a cama desarrumada, vestiu-se. Camiseta branca, jeans azul e seu tênis favorito. Em segui-da recolheu o pijama suado, ajuntou do chão as meias jogadas, juntando as com tudo o mais que era seu, lançou tudo em sua mochila e finalmente partiu empolgado para o dejum.

Chegando no saguão, seguiu direto em direção ao re-feitório.

— Bom dia! — disse ele para o rapaz à porta do refeitório.

Era o mesmo que sempre servia as mesas.

— Olá — respondeu o moço das mãos enormes.

— Deixa-me te perguntar. Tem problema entrar com a mochila? Quero aproveitar e organizar meu dia enquanto tomo o café da manhã.



Habitualmente pediam para que os hóspedes deixassem suas bagagens no guarda volumes ao lado da entrada do refeitório. Contudo, pelo horário avançado, já não havia muitos no salão.

— Faça como quiser — disse o moço rudemente.

Sem dar bola ao tom da resposta, Doug apenas sinalizou positivamente com a cabeça e entrou no refeitório. Logo que entrou, encontrou um lugar vazio próximo à mesa na qual estava servida a comida. Deixando a sua mochila em uma das cadeiras, partiu em busca do que comer.

Como de costume, Doug serviu-se fartamente. Foi obrigado a fazer três viagens para levar à mesa tudo o que pegou, situação que o fez pensar que teria maior facilidade caso também tivesse as mãos enormes.

— Às vezes nem seria tão ruim, não é mesmo? — disse pensando no moço que põe a mesa — Ele certamente levaria tudo de uma só vez e, se duvidar, usando apenas uma das mãos — riu consigo mesmo.

Enfim sentado, deu um bom gole no café recém passado, uma boa mordida na rabanada quentinha e, esfregando as mãos uma na outra para tirar delas as migalhas de açúcar e canela, apressou-se em abrir a mochila para descobrir qual seria o próximo

passo. Assim que abriu o zíper avistou dois papéis dobrados por cima das suas coisas. Alcançando o primeiro papel, abriu-o e viu que nele havia escrito quatro nomes redigidos em tamanhos distintos, postos de maneira crescente, de cima para baixo. Notou ainda que junto de cada um desses nomes, havia uma identificação contendo letras e números.

**Sete colinas - èpsilon.x:32\_1**

**Yishúa - J.Omicron: 3\_17**

**Ksili - R.mi:1\_21**

**Shamar - Iota.o:14\_15**

Tendo visto tudo o que há no primeiro papel, retirou da mochila o segundo papel dobrado. Assim que o abriu logo notou grande diferença. Essa segunda folha era toda quadriculada. Havia tanto na vertical, junto à borda esquerda, quanto em sua base horizontal, duas sequências alfabéticas que partiam na vertical de Alpha até Ômega e na horizontal, iniciando da esquerda para a direita, de A a Z. Tendo ele os dois papéis em mãos, observando-os uma segunda vez, concluiu que não havia mais nenhum detalhe a ser visto em nenhum deles.

Doug afastou então os pratos de comida e a xícara de café, posicionando as duas folhas retangulares lado a lado sobre a mesa e não demorou mui-

to para compreender a lógica. O papel no qual os nomes foram escritos fornecia a referência do local, enquanto o papel quadriculado era como um mapa em branco que, por sua vez, quando preen-chido, forneceria a direção. Sendo assim, prontamente se pôs a completar todos os locais que deveria visitar enquanto finalizava sua refeição.

Quando terminou, era possível ver todo o caminho, de modo que dessa vez não perambularia sem direção.

— Ótimo! — disse.

Tendo encerrado o desenho do mapa e a sua refeição, levantou-se da cadeira e guardou as duas folhas de volta em sua mochila, colocando-a então nas costas, prontamente partiu em direção ao primeiro ponto demarcado.

Ao longo da caminhada, Doug pouco observou ao seu redor. A essas alturas estava acostumado com os exageros daquela cidade, de modo que o tamanho das construções, as longas distâncias entre todas as coisas, o cheiro metálico e todo o mais, já não furtavam tanto a sua atenção. Além do mais, as coisas estavam exatamente como estariam, tendo em vista a direção em que todos decidiram caminhar.

No caminho, sentia uma crescente ansiedade. Mas não como a de outrora. Dessa vez a ansiedade

não brotava do solo da pressa. Sua mente estava concentrada em decifrar o que deveria fazer e o que encontraria ao chegar ao primeiro local.

Sem perceber, quando deu por si já havia chegado ao primeiro ponto determinado no mapa e estando ali, bastou um rápido olhar para ter absoluta certeza de que estava no lugar correto. Doug encontrava-se em frente a uma estrutura colossal, sólida e muito sóbria.

A fachada era enorme, composta em quatro andares separados por imensas colunas que sustentavam sobre si pesados entablamentos. Essas colunas colossais estavam espaçadas de maneira igual umas das outras, conectadas entre si por grandes arcos perfeitamente simétricos.

Estava ali uma imensa edificação de metal.

Ao elevar o olhar na intenção de encontrar um fim, notou calcografado no ponto mais alto daquela estrutura, o primeiro nome da sua lista: Sete Colinas.

Sem estender-se mais, apressou-se para entrar. Subindo alguns poucos degraus, passou por debaixo de um dos enormes arcos e, logo que cruzou a linha das colunas, estava no interior.

Enquanto o externo não fugia dos padrões de Sídoro, o interior apresentava uma história completamente distinta.

Doug jamais havia visto nada igual. Tudo era revestido com pequenas impressões retangulares, nas quais havia rostos e números. Infinitos pedaços iguais feitos de algodão e linho, conformavam todas as coisas que se via. Doug estava parado próximo a uma imensa coluna. Perto o suficiente para que pudesse tocá-la sem sair do lugar. Curioso, estendeu o braço alcançando o pilar com a mão e, deslizando morosamente sobre a superfície, sentiu um imenso interesse de ter um pouco daquilo que ela era feita para si.

Sem dar conta da realidade ou do tempo, em um instante Doug se encontrava com o rosto colado na estrutura, como quem abraça alguém querido. Suas mãos deslizavam maliciosamente as suas faces, como quem está em grande desejo.

Repentinamente o pensamento voltou. Sem entender o que aconteceu, notou que atrás de si alguém estava repetindo as boas-vindas.

— Olá! Senhor? Olá? Bem-vindo... Senhor!?

Constrangido, Doug virou-se lentamente tentando dar alguma explicação minimamente plausível para o fato de ter sido encontrado com o rosto colado em um pilar.

— Oi, Desculpa. Não notei você se aproximando. Eu não sei o que aconteceu comigo. Assim que entrei no grande salão meus olhos se deslum-



braram com o que viram. Por um momento tive imensa curiosidade e...

— Está tudo bem, senhor. Não precisa se explicar — interrompeu, estendendo a mão para cumprimentar. — Me chamo Lucian, e você é?

Enquanto Lucian estava com o braço eguido, mentalmente Doug ainda se esforçava para entender o que foi que acabara de acontecer.

— Olá! — repetiu então o homem com ênfase.

— Oi, oi. Desculpa! — retornou Doug — Estava voando em meus pensamentos — disse constrangido.

— Meu nome é Doug. Prazer! — disse ele, finalmente esticando a mão para cumprimentar o homem que deixou no vácuo.

— Não recrudesça a mente — respondeu a moça — É comum que esse local roube a atenção dos que aqui chegam pela primeira vez — disse ela, com orgulho nos olhos e um temível sorriso no rosto.

— Me chamo Fernanda, e o prazer é todo meu — disse ainda ela.

Doug congelou. Havia apenas um com quem conversava, mas duas vozes se apresentaram.

— Nosso! você quis dizer. O prazer é nosso! — interrompeu Lucian.

— Ok, ok. Nosso. O prazer é todo nosso — corrigiu ela com um tom de desagrado.

Fernanda claramente não gostou da interrupção, mas não se propôs a retrucar, ainda que se fez visível em seu rosto o desgosto.

Piscando os olhos forçadamente e beliscando a perna, Doug pensou estar novamente vivendo em um de seus sonhos, mas, para sua surpresa, tudo estava de fato acontecendo.

Antes que toda essa situação ficasse ainda mais bizarra e constrangedora, a moça segurou Doug pelo braço esquerdo e, puxando-o, partiu a apresentar o local.

— Venha. Deixa-me mostrar como esse lugar é lindo — disse Fernanda.

Enquanto caminhavam, Lucian passou a descrever detalhadamente todas as medidas internas daquela imensa construção.

— Essa área possui cerca de cento e noventa metros de comprimento, cento e cinquenta e seis metros de largura e por volta de cinquenta e sete metros de altura, que por sua vez estão divididos em cinco níveis... — dizia ele com riqueza de detalhes.

Lucian parecia saber de absolutamente todos os pormenores daquele lugar. Quantas folhas formavam todas as coisas, qual o tamanho de cada parede... Cada particularidade recebia uma explicação

e, principalmente, sabia exatamente quantas pessoas existiam ali.

Doug ouvia todas as descrições enquanto Fernanda o “arrastava” apressadamente em direção a lateral direita do templo. Caminharam como se estivessem atrasados para um compromisso importante.

Finalmente no local desejado, soltando o braço do novo visitante, Fernanda diz:

— Chegamos!

— Chegamos? Chegamos aonde? — questiona Doug, confuso e perturbado.

Estando eles em frente a uma das várias salinhas no interior do grande salão, Lucian solicita a Doug que lhe entregue a mochila que carregava consigo.

— Não é permitido levar nada pessoal para dentro das salas. Tudo deve ficar para trás.

— Deixe a mochila comigo. Vou guardá-la em local seguro, não precisa se preocupar — complementa Fernanda.

Doug não apresentou reação. Tudo estava acontecendo rápido demais para que pudesse assimilar. Somado a isso, ainda estava um pouco ofegante por conta dos passos apreçados ao ser arrastado pelo percurso.

Por instinto, Doug reage a tudo isso seguran-

do firme uma das alças da mochila e então responde:

— Pode deixar, eu fico com ela. Não está pesada. Além do mais, tudo o que preciso está aqui dentro.

O homem insiste.

— Eu já lhe avisei. Você não pode entrar aqui com seus pertences — falou muito nervoso.

— Eu não vou entregar nada para você — retrucou Doug com semelhante firmeza.

Nesse momento, em um breve descontrole, Lucian tenta puxá-la a força. No entanto, assim que a sua mão encosta no tecido da mochila, a pele na ponta dos seus dedos queima ardentemente. Como quem leva um choque, a mão é repelida com força para longe.

Espantado, Lucian retrai o braço repentinamente. Com receio de ser notado, esconde sua mão ferida no bolso esquerdo da calça. Contudo, por mais instantânea que tenha sido a reação, Doug percebe toda movimentação.

Girando a cabeça com força de um lado para o outro enquanto range a mandíbula como quem está a se flagelar, Fernanda toma conta da situação e, sem tempo para planejar, olhando fundo nos olhos de Doug, força um sorriso azedo e diz.

— Vamos deixar você à vontade. Surgiu uma

pequena emergência que precisamos resolver. Por hora, o senhor pode ficar com sua mochila.

Terminando de dizer essas palavras, da mesma maneira que chegou, partiu. Assim Doug encontrava-se só em frente a uma imensa sala escura e fria, sem compreender o que deveria fazer, tão pouco para onde ir.

Então uma voz distinta lhe ocupou a mente:

“Tire das costas a sua mochila e pegue do interior o espelho que lhe confiei. Segure-o bem à frente dos seus olhos e não o retire até que eu lhe diga.”

Dando ouvidos, prontamente obedeceu. Retirando a mochila das costas, Doug alcança de dentro dela o primeiro espelho, fazendo então exatamente como lhe foi dito.

Novamente a voz lhe dirige palavra.

“Vá. Entre em cada um dos cômodos desse local, observe todas as coisas e descreva tudo o que vê, com riqueza de detalhes. Enquanto você mantiver o espelho a frente dos seus olhos, enxergará. Mas se você o baixar, a sua visão lhe trairá.”

— Ok — respondeu.

Disse ainda a voz:

“Ninguém está autorizado a encostar em você e você não está autorizado a encostar em nada. Assim deve ser, até que seja dada nova ordem.”



Aqui está tudo o que Doug observou:  
“Samael, Samael! Aquele que reina sobre os mortos. Tu que eras modelo de perfeição. Sábio e perfeito em formosura. Andavas no jardim de Elohim, cobrindo-se com a infinita beleza de pedras preciosas. Tu, que outrora permanecias no monte santo, encheu-se de violência, elevando o coração por causa da própria sabedoria e resplendor. Tuas iniquidades acumulam por séculos. És profano e injusto...”

**São tantos!**  
**Tantos corações moldados segundo o teu.**  
**Incontáveis são os que para às próprias vontades**  
**existem;**  
**Tantos são os que, como tu, por si se apaixonaram.**  
**Não te bastou a queda?**  
**Como poderia;**  
**Almas mortas são teu sustento.**  
**Não te sacias com tudo o que desagrada?**  
**Como poderia;**  
**Poder é o teu vício.**

**“Assentar-se como um deus**  
**sobre a cadeira de um deus”**  
**Este é teu desejo;**  
**Essa é a tua via.**  
**São tantos.**

**Vejo você Adam!**  
**O que está a minha frente é o resultado da tua obra.**  
**Fruto da tua mentira.**  
**És agora segundo a imagem do teu aio.**

**Adam, Adam.**  
**Por que dás ouvido àquele que te fere?**  
**Vejo você que viveu para si;**  
**Moldou tempo, contexto e sentimento a seu favor;**  
**Depositando em si mesmo, toda a confiança e**  
**definição.**

**Agora me responda;**  
**Quantas vezes é possível resignificar**  
**a mesma mentira?**  
**Qual é o montante de mentira necessária**  
**para resignificar?**  
**Quanta energia te resta, para esconder**  
**o rosto de si mesmo?**

Vejo milhares sentados em banquinhos feitos com o pó de tudo aquilo que acumularam em vida. Vejo nesses salões escuros, repletos de bancos enferrujados, que para cada banco há uma pessoa e cada uma está assentada sobre sua própria glória.

Teus olhos aplaudem pensamentos obscuros  
da própria consciência nefasta.  
“Vejo o formigamento incessante que há  
dentro dos teus ouvidos;  
Busca para perto de si todo tipo de mestre  
de acordo com suas próprias cobiças.”

No peito teu coração se elevou com as  
conquistas das próprias mãos.  
Mas tudo o que elas alcançaram,  
escorreu  
por entre os dedos.

Pisou para subir;  
Agora restou apenas o medo de cair e ser pisado.

— Acaso há valor na vida, senão vivida pelo outro?

Vejo você sobrevivendo do soldo da morte;  
Acumulando para si, exatamente o que plantou:  
Uma montoeira de vazio e insegurança.

Por que ouves aquele que te fere?  
“Toda a sua glória é erva, é como flor do campo.  
A erva seca e as flores caem.”

**“Louco!  
O que você preparou para o momento  
em que pedirem sua alma?”**

**Responda!  
Quantas vezes é possível ressignificar  
a mesma mentira?  
Qual é o montante de mentira  
necessária para ressignificar?  
Quanta energia te resta,  
para esconder o rosto  
de si mesmo?**

Vejo milhares sentados em banquinhos feitos  
com o pó de tudo aquilo que acumularam em vida.  
Vejo nesses salões escuros repletos de bancos enfer-  
rujados, que para cada banco há uma pessoa e cada  
uma está assentada sobre os seus próprios desejos.

**Vejo você que se serve de corpos;  
Ao corpo serve;  
E corpo serve para todos.**

**“Você é como uma jumenta selvagem,  
acostumada ao deserto e que, no ardor do cio,  
fareja o vento.  
Quem a impedirá de satisfazer o seu desejo?**

Você se tornou uma planta degenerada.  
A sua própria maldade o castiga e as suas  
infidelidades o repreendem.”

— Em você mesmo está a consequência!

Coração de ferro, guardado por uma  
muralha de metal.  
Vende pedaços de si;  
E compra pedaços de todo aquele que  
a si mesmo vende.

O que de fato alcançou?  
Quanto de fato era o suficiente?

Responda!  
É permitido que você pare de correr?

Que terrível momento será quando  
já não houver mais o que vender;  
Quando não aceitarem mais a sua moeda de troca.  
Quão terrível é o que vem depois  
de uma vida de atenção financiada;  
Que terrível é perder o tempo



Solidão assoladora;  
Penetrando a alma como uma faca embotada.  
Cobrando de volta cada pingo de satisfação concedida.  
Recebendo com juro cada pedaço de enlevo  
que outrora te cedeu.

O que farás então, quando cobrarem sua alma?  
Quando descobrires que és descartável para Samael?

Responda!

— Acaso há descanso sem arrependimento?

Adam, Adam...  
Lembranças e solidão serão sua eterna companhia;  
E a morte será uma alternativa saborosa.  
Nesse momento, a quem clamarás?

Vejo milhares sentados em banquinhos feitos com o pó de tudo aquilo que acumularam em vida. Vejo nesses salões escuros, repletos de bancos enferrujados, que para cada banco há uma pessoa e cada uma está assentada sobre sua colheita.

Verás que se devolve em desproporção o que foi  
conquistado.

Você que paga aos outros com morte;

Morte receberás de volta.

Pois não há perdão entre vocês;

Tão pouco misericórdia.

Caminharam até que o último ficasse de pé.

E o último que ficou de pé, também caiu;

Agora está ferido para todo sempre.

Junto com todos vocês.

Vejo você que foge da realidade.

Lutando para esquecer o passado;

Se esforçando para ignorar o futuro.

Vejo você trilhando a passos largos,  
um caminho de desobediência.

Responda!

O que há de novo para plantar;

Para que se mude a sua colheita?

Quem te servirá?

O que haverá para comprar?

O que restará para vender?

Adam, Adam.

Quem o livrará do seu próprio plantio?

Vejo milhares sentados em banquinhos feitos com o pó de tudo aquilo que acumularam em vida. Vejo nesses salões escuros, repletos de bancos enferrujados, que para cada banco há uma pessoa e cada uma está assentada sobre sua imagem.

**Você crê que tem o controle?  
Que tem todas as explicações?  
Que são suas, razão e o poder?**

**“Estão cheios de todo tipo de injustiças;  
Perversidade e avareza.  
Cheios de maldade, homicídio, discórdia,  
engano e malícia.  
Difamadores, caluniadores, insolentes,  
arrogantes orgulhosos, inventores de males;  
Desobedientes, desleais e sem misericórdia.**

**Vejo você se expondo como o justo padrão.  
Está preparado para as consequências?  
Não sabe quem é;  
Não sabe o que fazer;  
Não sabe o que quer;  
Não sabe para onde ir;  
Não há mais ninguém aí.**

Passa os dias tentando redefinir toda criação;  
Em busca de encontrar o seu lugar nela.

Os seus ídolos de carne estão podres;  
Por dentro, como por fora.  
Embragados com toda química e sentimentos;  
Escondem-se de vocês, pois escondem-se de si mesmos.  
Nesses vocês depositam fé.

Responda!  
Por que então em cada banquinho vejo apenas um?  
Onde estavam eles, quando cobraram a sua alma?

Os seus deuses de metal estão enferrujados.

“Têm boca e não falam;  
Têm olhos e não veem;  
Têm ouvidos e não ouvem;  
Têm nariz e não cheiram;  
Têm palma da mão e não apalpam;  
Têm pés e não andam;  
Som nenhum lhes sai da garganta.”

Assim são vocês;  
Tornam-se semelhantes a eles;  
Todos os que neles confiam.  
Fazem como tal e como tal, estão mortos!

Vejo milhares sentados em banquinhos feitos  
com o pó de tudo aquilo que acumularam em vida.  
Vi nesses salões escuros, repletos de bancos enfer-  
rujados, que para cada banco uma pessoa e cada um  
está assentado sobre sua própria justiça.

**Adam, Adam...  
O que farás quando descobrires que és  
descartável para Samael?**

**Como ele, você elevou o coração por causa da  
própria sabedoria.**

**Seu vício é o poder e seu objetivo é também  
assentar-se como um deus  
sobre a cadeira de um deus.**

**Seus ídolos exigiram vida  
e em troca serviram morte;  
Pois morte é só o que produzem.**

**Se é liberdade que você busca;  
Por qual motivo você anseia a prisão?**

**Ainda há força para encarar a verdade?  
Tem coragem de se olhar no espelho;  
Deixando que esse revele o que vê?**



Adam, Adam...  
Deixou seus pequenos serem e terem tudo o  
que queriam;  
Chamou isso de amor.  
Serviu discurso vazio;  
Considerou isso alimento.  
Agarrrou-se firmemente em si mesmo;  
Chamou isso de prosperidade.  
Viveu pelos próprios interesses;  
Por isso decretou que era merecedor.  
Vingou-se de todos;  
Chamou isso de justiça.

Responda!

— Encontrou liberdade em uma vida não vivida pelo outro?

Escondidas na alma, histórias mentirosas;  
Completamente distintas daquelas que está  
disposto a revelar na luz.  
Há um abismo entre essas duas coisas.

Não vês o produto da justiça que praticou?

O tempo chegará e de fato já chegou.  
Onde está seu poder,  
se tudo o que há em volta são ruínas.?

**A quem você responsabilizará?**

**Adam, Adam!**

**Agora compreendo;**

**De fato, não há nada que te cause maior fúria do que ouvir um não.**

— Porque você ainda está aqui, ó viajante?!

— falou Lucian reaproximando-se.

Virando-se, sem tirar o espelho da face,

Doug prontamente retorna com outra pergunta:

— Como esses vieram parar aqui?

— Quem é você para me fazer essa pe..

Antes que pudesse terminar sua frase, Fernanda interrompe-o com afirmação retórica.

— Isso certamente é coisa do Velhinho, atormentando-nos antes do tempo. Não é mesmo?  
— diz ela.

— Se sabem quem Ele é, como podem então prender esses que aqui estão?

— Ora. Você não sabe? — afirmam os dois rindo.

— Esses são todos aqueles que o rejeitaram. Estão aqui por que assim escolheram — respondeu Lucian em tom de orgulho.

— Para cada iludido um punhado de seguidor, e para cada seguidor um punhado de ídolos. Seus rostos são meros fragmentos nessa estrutura e essa estrutura é a imagem que restou dos rostos que

a formam — acrescentou ela.

Doug não compreendeu o que isso significava, mas antes que pudesse acrescentar novos questionamentos, ouviu em seu coração.

“Vál!”

A essas alturas, Doug carregava uma quantidade de dúvidas maior do que a que havia trazido consigo quando chegara. Contudo, a costumeira curiosidade foi insuficiente para segurá-lo mais tempo nesse local assombroso onde o ar pesava em seus ombros e o chão causava cansaço em seus pés, mesmo estando parado.

Partindo, deparou-se com a grande coluna, mas a ignorou com receio do que ela lhe causava. Cruzando então a linha dos grandes arcos, desceu os poucos degraus que ali havia para finalmente encontrar-se de volta à rua em frente a grade estrutura.

Sentando-se no último degrau próximo à calçada antes da rua, Doug suspira aliviado.

— Uffa! — diz, abaixando o braço com o qual segurava o espelho à frente do rosto.

Estando ele de costas e sem a menor intenção de olhar para trás, Doug não percebeu que estava sendo vigiado por Lucian e Fernanda, que estavam a distância, na parte alta da grande estrutura.

— Você viu? Você viu!? — perguntou Lucian muito animado.

— Vi! — respondeu ela tomada por uma satisfação vingativa.

— Mas não é isso que importa. Não é mesmo, Lucian? — acrescentou ainda Fernanda.

— Não! Não é — rebate ele, sem conter a alegria.

— Pois diga logo. Está na cara que você quer dizer — Diz ela, sorrindo.

— O que importa é que ele não viu! — exclamou Lucian sem conseguir conter a risada.



YISHÚA



Dentre todas as dúvidas que agora somam em sua mente, a que mais lhe gerou inquietação foi a vontade de compreender por qual razão alguém deliberadamente entraria em qualquer uma daquelas salas. Contudo, apesar da grande curiosidade, a essas alturas do campeonato, Doug já tinha experiência suficiente para entender que gastar tempo à toa com suas dúvidas pessoais, significava desperdiçar tempo dos outros.

Assim, sem delongar em suas próprias conjecturas, alcançou a mochila das costas e, abrindo-a, guardou dentro dela o espelho que ainda segurava em sua mão. Aproveitou para alcançar as duas folhas que continham a direção, para encontrar o próximo destino e, tendo visto para onde ir, guardou-as novamente, estando assim pronto para partir.

Doug que até então ainda estava sentado à beira da calçada, ao se levantar, parou por um instante para olhar a cidade que estava exposta à frente. Estando ele em uma parte alta, dali era possível enxergar a maioria dos grandes prédios que formavam Sídero e, pela primeira vez nessa viagem, se propôs a de fato observá-la.

Tudo o que viu lhe pareceu monocromático, morto e demasiadamente alto. Tão alto que não foi capaz de descobrir o horizonte. O topo das construções formava seu próprio contorno curiosamen-

te côncavo, escondendo o que havia no além.

A sensação ao observar era como se a cidade toda estivesse esticada pelas quatro pontas. Dado momento, um grande peso foi disposto em seu ponto médio, de modo a afundar o centro de massa, sugando tudo o que está a sua volta, para o meio.

Uma cidade egocêntrica, capaz de absorver tudo o que é, para dentro de si mesma. Não é segredo que há muitos anos Sídero não lhe causava interesse. Porém, também isso mudou. Dessa vez, nesse breve instante em que a observou daquele degrau, sentiu uma espécie de empatia, o que mergulhou o seu coração em uma batelada de emoções. Foi dessa forma que se encontrava quando partiu em direção ao próximo local determinado.

Dando início a caminhada, atravessou a rua logo em frente da calçada em que se encontrava. Após alguns minutos, chegou do outro lado e, conforme a indicação do mapa, percorreu três quadras para a esquerda, duas para a direita e assim foi seguindo, de acordo com o que estava previamente demarcado.

Ainda com espírito observador, ao longo do percurso, o que lhe causava maior estranheza já não era mais a questão estrutural nem distância entre as coisas. O espanto vinha pelo fato de que o peso nos ombros e cansaço nos pés, que sentira dentro da

grande estrutura de metal, permaneceram o acompanhando em cada passo, mesmo estando ele agora já bem afastado de lá. Percorrendo em meio aos prédios que sonegavam do chão toda luz natural, a sensação era como se o elemento que confeçãoava aquele lugar tenebroso, tivesse escapado para fora e agora conforma tudo o que há.

“Algo foi profundamente alterado nessa cidade”, pensou, enquanto seguia seu caminho.

Conforme o tempo passou, mais e mais observações lhe foram acrescentadas, instaurando uma tremenda luta interna.

Nada do que estava vendo lhe era surpresa. Bastavam dois neurônios para compreender que, do jeito que as coisas estavam se encaminhando até então, a corrosão completa era o único destino possível para Sídero. Tamanha era a clareza, que anunciou de antemão. Contudo, ver os fatos consumados, não lhe trouxe paz, tão pouco a vingança que fantasiou ao longo dos anos.

Para compreender o que se passava em sua mente, é preciso saber que por décadas Doug construiu silenciosamente uma imensa e forte muralha entorno do seu próprio coração, mas essa não era uma muralha comum, pois não foi edificada para cuidar do que estava no lado de dentro. Construiu para si um muro alto para proteger dele mesmo os

que estavam do lado de fora.

Estando ele agora vendo de perto as coisas e como elas estão, não desejava maior aflição para aquela cidade, mas não estava conseguindo deletar da mente a conclusão óbvia de que, se tudo ocorreu como fora dito, nada do que foi avisado foi recebido como verdade.

Doug simplesmente não conseguia compreender as razões pelas quais todos decidiram continuar progredindo em direção contrária aquela que ele lhes alertou. Inevitavelmente, levou tudo para o pessoal, de modo que acrescentou toda essa rejeição junto ao imenso volume de ressentimentos que mantinha dentro da muralha que ergueu.

“Sei que todos possuem sua própria história e, dentro de cada jornada pessoal, todos encontram as suas próprias dificuldades e explicações para seguir a vida como planejaram ou imaginaram. Sei também que a dor de cada um é dor suficiente para cada um lidar, de modo que cada um tende a ter a si mesmo como prioridade. Também sei que é difícil enxergar o óbvio quando a cortina ainda está escondendo a córnea. Eu sei também que...”

Forçando explicações, tentava encontrar alguma lógica para convencer a si mesmo de que tudo o que passou para alertar aquela cidade dos perigos ocultos no caminho que estavam trilhando, não foi

em vão. Contudo, estava tendo dificuldade para tal. Rejeição era uma realidade que o acompanhava desde o momento em que nasceu, de modo que aprendeu a conviver com esse sentimento. Porém, o volume estava chegando próximo ao seu limite superior, de modo que agora bastava uma dose a mais para que a pressão interna implodisse a morada na qual se escondia por tanto tempo.

Houve uma época em que coragem era uma característica inabalável. Os tijolos que usava para subir a muralha foram fabricados com as palavras negativas que diziam a seu respeito. Eram elas que asseguravam que nada escapasse dali. Todavia, após tantas vezes tendo sua palavra ignorada, sem jamais encontrar solo receptivo, a insegurança inundou e preencheu todo o volume interno da sua fortaleza, levando-o a questionar até as próprias convicções.

“Em uma grande casa, não há apenas vasos de ouro e de prata, mas também de madeira e de barro; alguns para propósitos especiais e outros para uso comum...Compreendo agora que sou um vaso de desonra. Sou como um padrão do que não se deve ser e minha mensagem um exemplo do que não se deve ouvir”. Era isso que dizia para si mesmo.

Caminhando, passou-se um par de horas e assim também durou a briga interna. Cercando-



-se de questionamentos, sua mente só se silenciou quando enfim chegou ao segundo local demarcado. Doug estava agora mirando o que parecia a parte lateral de um imenso galpão. Estando ele com pouca paciência, não se ocupou observando o lado externo como o fez na primeira construção. Bastou uma rápida olhada e logo encontrou a entrada.

Ali, junto a imensa parede de metal, no flanco da grande estrutura, havia uma porta entreaberta. Não havendo dúvida de que estava no local correto, prontamente se dirigiu até a abertura e, logo que entrou, atinou onde estava.

Ainda sob o caixilho da porta, reconheceu pintados no chão os três retângulos de cores distintas (vermelho, amarelo e azul). Do mesmo modo, logo notou o relógio de madeira pendurado na parede da lateral oposta, no qual se viam os números 12, 3, 6 e 9.

— Uol! É a antiga fábrica de Sídoro! — balbuciou empolgado, pois muitas dúvidas permaneceram a respeito do que tinha visto ali desde a sua última visita.

Ainda observando, sua memória buscava recuperar detalhes de como as coisas eram. Pois já não havia mais nada feito de madeira além do relógio antigo, sequer a lembrança do cheiro. Não se via mais as máquinas, os quadros nem os entulhos.

— O que aconteceu...? — questionou consigo mesmo.

Entrando um pouco mais, encostou a porta atrás de si e, dando então alguns passos à frente, virou-se em direção a lateral pela qual acabara de entrar. Prontamente viu o segundo relógio, que era feito de metal e no qual se viam os números: 1, 5, 7 e 11.

— O número 11 ainda está aceso! — disse extasiado. Finalmente é tempo! — lembrou empolgado.

Olhando para a sua direita reconheceu no alto do salão a enorme coluna arqueada sob a qual estava o banquinho da última vez que esteve ali. Sem perder tempo, ansioso por um pouco de definição, correu em direção ao andar superior.

Acompanhando o flanco do retângulo azul em direção à frente da fábrica, chegou na escada em caracol pela qual subiu apressado. No entanto, assim que chegou no tablado, decepcionou-se profundamente, pois o banquinho não estava mais lá.

Antes que tivesse tempo hábil para as habituais reclamações, ouviu a porta lateral no andar de baixo se abrindo. Curioso, aproximou-se do beiral do qual era possível enxergar tudo o que havia no interior e, assim que chegou lá, se espantou. Cada um dos três retângulos estava repleto de pessoas

dentro das suas respectivas arestas e absolutamente todas que ali estavam, encontravam-se viradas em sua direção como quem espera um pronunciamento.

Estando elas perfeitamente organizados em filas e fileiras, em silêncio, cada uma delas apresentava um descomunal vazio no olhar.

— Que cena estranha.

Perplexo, após alguns instantes virou-se para trás na esperança de encontrar o banquinho de volta em seu lugar, mas não viu nada. Tornou o rosto para a multidão e essa seguia lhe fitando os olhos em absoluta inércia e silêncio. Olhavam como se estivessem esperando uma resposta, mas nenhuma pergunta havia sido feita. Como quem anseia por direção, mas ninguém se declarou perdido.

— O que vocês querem? — gritou, quebrando o silêncio.

É preciso saber que Doug odiava situações de silêncio constrangedor, principalmente agora que ele estava diretamente envolvido.

Não levou muito tempo para se irritar. Sem conseguir se conter, organizou a postura e então exclamou em direção a todos:

— Quem são vocês e o que vocês querem!?

Não se ouviu absolutamente nenhuma resposta. O silêncio deles permaneceu intacto. Enfurecendo-se ainda mais, Doug ergueu o braço direito

e, apontando o indicador em direção à multidão, esbravejou novamente.

— Querem saber? Eu sei quem vocês são! Sei bem o que querem.

Aqui está o que Doug falou:

“Apareceu. Apareceu! A oxidação antes escondida, tornou a superfície e, tendo sido consumada, fragilizou as estruturas, ocultando assim toda a realidade, levando-os de volta ao cativeiro que impetuosamente cobiçam e, estando lá, vocês ordenaram a si mesmos o sufeta e o carcereiro. Quem terá autoridade para corrigi-los...?”

**Não creem que haverá consequência para suas ações;**

**Por isso caminham pela vida como bem entendem.**

**Tudo o que fazem, o fazem para encobrir e  
esquecer o que cometeram.**

**O fazem, beliscando pedaços do fruto que nunca  
parou de ser ofertado.**

**Desobediência corre em suas veias.**

**Arrependimento lhes parece loucura.**

Existem apenas para realizarem os próprios sonhos;  
Mas deparam-se constantemente com o desespero.  
Acaso não sabiam que terrível é alcançar tudo o que deseja;  
Para então descobrir que também isso não é o suficiente?

Como parar, se não há arrependimento?

Sedentos, sempre querem mais.  
Cegos por si, não compreendem que a  
abundância mata tanto quanto a escassez;

Prosperidade?  
Vocês peregrinam sobre um espiral de podridão  
e inutilidade;  
Tendo como trilho o amor-próprio acima de todas  
as coisas.  
Vivem em busca da própria imagem;  
De si mesmos;  
Contudo, constantemente esquecem-se de quem são.

Mas como parar, se não há arrependimento.

À medida que os servia com seu julgo, o tom  
e o rigor das suas palavras se intensificaram. Olhan-  
do apenas para a razão, pouco notou que aqueles,  
antes inertes, agora apontavam-se umas às outras,  
com semelhante e fúria.



Vocês não questionam a razão pela qual tudo  
perde a sua cor?

O motivo pelo qual tudo perder o seu sabor?  
Todas as coisas que anelam, enferruja;  
É devorado pelo tempo e pelas traças.

A decadência de tudo o que é prazer;  
A destruição de tudo o que é vida.  
De boa vontade lhes foi dado e agora tudo está morto.

O que importa é felicidade?  
Como a encontrarão, se não há arrependimento?

Respondam!  
Acaso há vida se não vivida pelo outro?

Duas vidas não podem ocupar o mesmo lugar.  
De modo que para que um viva;  
o outro precisa morrer.

Existem para si mesmos;  
Mas o que farão então, quando estiverem a sós?

Existem para si mesmos;  
Mas estando vocês sós, quem os adorará?

Existem para si mesmos;  
Mas estando vocês sós, a quem apresentarão  
as conquistas?

**Respondam!**  
**Nessa cidade de individualismo;**  
**Quem se importará com vocês?**  
**Com quem vocês se importarão?**

**É essa a liberdade?**  
**Aí está a felicidade?**

**Cada um sendo seu próprio senhor.**  
**Presos a verdades particulares;**  
**Elevam-se em posição de julgo, condenando a todos;**  
**Pois é para condenar que vocês vivem.**  
**Dignos de si mesmos;**  
**Não sustentam o próprio humor.**  
**Choram no berço das próprias escolhas;**  
**E dali não sabem sair.**

A essas alturas Doug estava completamente tomado pela raiva. A mágoa empilhada por décadas encontrou uma fissura na garganta e agora jorra pela boca como lava de vulcão. Como tal, não se importa com o que está à frente, tão pouco possui o poder para interromper o seu próprio caminho.

De semelhante modo, todos estavam em chamas e o combustível era abundante. O que era silêncio, tornou em gritaria e gritaria tornou em agressões. Ainda isso não bastou.

Nas mãos de vocês tudo vira morte;  
E morte é o alimento que consomem.  
Tudo o que fazem, o fazem para si;  
Pois não compreendem que tudo o que nasce do egoísmo,  
é corrupção.

Acaso não sabem que é somente pela hipocrisia que o  
condenável se sustenta?  
Pois hipócritas é o que são.  
Querem ser únicos;  
Contudo, são escravos da adoração alheia.  
Saibam;  
O alicerce de vocês jaz no óbito da própria humanidade.

Respondam!  
Quem restará, quando enfim chegarem lá?

Serão como um líder sem fâmulos;  
Um general sem soldados;  
Um patrão sem empregados;  
Como um rei sem súditos.

Vivos, porém condenados.  
Vocês são como aquele a quem servem!

Já não havia mais nada além de caos no  
interior da antiga fábrica. A língua maldosa regou a

todos com sua fúria. De semelhante modo, em cada boca um mundo de iniquidades fluía, inundando o local, até que todos encontraram-se afogados. Ainda isso não bastou.

Nações e povos.  
Grandes e pequenos.  
Ricos e pobres.  
Poderosos e indefesos.  
Homens e mulheres;  
Vocês encontram a si mesmos no ódio mútuo.  
É aí que se sentem à vontade.

Tudo o que fazem, o fazem para separar.  
Não veem que esse é precisamente o objetivo?

Ouçam!  
É para esse fim que vocês têm sido adestrados.  
Migalhas de ilusão são servidas diariamente;  
Vocês as comem sem desperdiçar.

Ora;  
“Um homem morre em pleno vigor;  
Quando se sentia bem e seguro, tendo o corpo bem nutrido e os ossos cheios de tutano.  
Já outro morre tendo a alma amargurada, sem nada ter desfrutado.  
Um e outro jazem no pó, ambos cobertos de vermes.”

**Onde encontrarão vida?  
A quem clamarão?**

**São como carcereiros sem chave.  
Prisioneiros sem defensor.**

**A ferrugem consumiu a todos e vocês mesmos são os culpados!**

No exato momento em que disse essa última palavra, sentiu imensa dor. O braço estendido com o qual denunciava, pesou em seu ombro que já não encontrou mais força para sustentá-lo. A mão desabou como um prédio cuja estrutura se rompe, colapsando tudo. Sentiu a língua queimar em sua garganta e a boca seca, como se tivesse a tempos perambulando embaixo do sol, sem uma gota de água.

Nesse instante uma voz familiar:  
“Sente-se agora!”

Assim que a ouviu, Doug tombou para traz. Não houve tempo para planejar a queda. Como uma árvore seca que se rompe com o vento, desabou, mas não chegou ao chão. Estava ele agora sentado outra vez sobre o maravilhoso banquinho, contudo, esse não entregou o mesmo descanso de outrora.

Grande temor lhe emudeceu até o mais profundo pensamento, pois agora poderosa mão apon-

tava em sua direção.

— Olhe!

Disse a voz que vinha da outra ponta da fábrica.

Inclinando-se para enxergar, não encontrou ninguém em pé. Nada além de um mar de destruição no chão da grande fábrica.

A voz lhe falou novamente:

— Este é o resultado da sua obra. O que foi que você fez? — questionou.

Tomado de vaidade, o jovem torna com uma pergunta.

— É mentira o que eu disse a respeito deles?

— Não, não é mentira — sinalizou Ele positivamente.

Isso era tudo o que precisava ouvir. Sendo como é, não se aguentou e, seguro em si mesmo, começou a argumentar.

— Meça-me. Acaso me considero diferente deles?

Notando o silêncio, Doug empoderou-se ainda mais e seguiu falando.

— Ainda que eu não me considere maior, acaso não sou eu chacota para todos? Nada de bom é relacionado a minha pessoa. Nenhuma palavra minha foi considerada válida de confiança. Não há um sequer que de crédito às minhas explicações.



Não passo de um mensageiro sem autoridade, abandonado por aquele que me enviou. Em todo tempo, em cada viagem, vou sem ter quem me vigie, tão pouco há quem me aguarde. Grande é minha solidão, mas muitos são os que me cercam.

Se não me ouvem, para que sou enviado? Se sou enviado, por qual razão não me ouvem? Se a mensagem que eu carrego não é recebida, para que sirvo eu?

Aqueles que deveriam arar a terra estão tirando proveito de campos que não lhes pertencem, orgulhando-se do resultado de colheitas nas quais não trabalharam. Em vez de plantar, gastam suas horas comparando entre si, as sementes que lhes foram entregues, deixando-as largadas as traças. Essas, sem uso, umedecem tornando-se mortas, inúteis.

Cheios de corrupção, orgulho e interesse, transformaram seus arados em espadas e suas foices em lanças. Tornaram-se inúteis e agora a seara está repleta de pedra e espinhos e não há quem queira trabalhar.

Fui ao encontro daqueles que deveriam ir, mas esses me ignoraram. Como se eu fosse um estranho no mundo deles, ainda que eu tenha nascido e crescido em seu meio. Fui diversas vezes até eles, anunciando tudo o que foi me dito e aquilo que anunciei, aconteceu, exatamente como me foi dito.

Porém, ainda assim, nenhum daqueles que ouviram o que foi anunciado enxerga o que aconteceu. Se não me ouvem e a mensagem não é minha, diga-me de uma vez o que sou para você; um grande desperdício ou apenas um vaso de bosta?

Era longo o seu desabafo. Como as lágrimas não encontravam passagem pelos olhos, com sua boca despejava o choro acumulado na alma.

Nesse instante a voz tornou a falar.

— O que você vê está certo, também o que diz está correto, pois assim lhe foi confiado — disse Ele — Ouça! O que nasce da carne é carne, mas o que nasce do Espírito é espírito. O vento sopra onde quer. Você o escuta, mas não pode dizer de onde vem nem para onde vai.

— O que isso quer dizer? — questionou Doug.

— Ora! Você é mestre e não entende essas coisas? — disse. — Veja, havia um rei que desejava acertar contas com os seus servos. Quando começou o acerto, foi trazido à sua presença um que lhe devia grande quantia. Como não tinha condições de pagar, o senhor ordenou que ele, sua mulher, seus filhos e tudo o que ele possuía fossem vendidos para pagar a dívida. Desesperado, o servo implorou por paciência dizendo que pagaria tudo. O senhor daquele servo teve compaixão dele, cancelando a

dívida e o deixou ir.

Saindo o servo então dali, encontrou um de seus conservos, que lhe devia pequena quantia. Agarrando-o, começou a sufocá-lo, dizendo.

— Pague-me o que me deve!

O seu conservo caiu de joelhos e implorou-lhe:

— Tenha paciência comigo e eu lhe pagarei. Mas ele não quis. Antes, saiu e mandou lançá-lo na prisão, até que pagasse a dívida.

O coitado do menino estava sem reação.

A terra estava fértil, mas nenhum ramo brotou — seguiu.

Em silêncio inusual, Doug apenas acenou com a cabeça mostrando compreensão.

— Como, pois, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram falar? E como ouvirão, se não houver quem pregue? — acrescentou.

Responda-me se esse Senhor foi compassivo e misericordioso, tardio em irar-se, cheio de amor leal. Não acusa para sempre, nem fica ressentido eternamente; não trata a todos conforme suas faltas nem os retribuí conforme suas iniquidades, afastando para longe as transgressões, tão longe quanto o oriente está do acidente.

Qual é a mensagem que te confiei? — perguntou-lhe a voz.

Audiente da própria falta, muito foi destapado. Doug percebeu como nunca o tamanho da sua fúria, a dureza das suas acusações e o tom de intransigência.

Contudo, entendimento não é triunfo. Por mais que Doug tivesse se acalmado, agora que seu erro estava sendo exposto, em seu coração ainda habita profundo entristecimento .

— Realmente, na sepultura acaba a agitação dos maus, e ali repousam os que estão cansados — desabafou.

Não é segredo que há anos Doug aspira a sepultura. Em meio a tanto mal e poucas coisas boas, tendo recebido O mistério, não encontrava em nenhuma delas uma boa razão para seguir viajando.

— Reconheço que tanto foi me dado aqui, mas sei também que isso tudo passará. Da mesma maneira, não nego que recebi tanto das coisas que não passam. Mas quem pode afirmar que a vida é plena antes da morte? Se encontrei a vida no sacrifício e somente no sacrifício a vida é encontrada, de que vale ela, se não posso trabalhar? — desabafou entristecido.

Então a voz tornou a falar.

— Diga-me. Acaso o martelo que prega não recebe semelhante impacto ao prego que está a fixar? Não estão ambos à sombra da vontade do

carpinteiro? Fale-me. Pode o martelo medir a resistência do prego ou decidir qual será usado e qual será jogado fora? Do mesmo modo, pode o prego fugir do choque que está previsto para ele ou cravejar a si mesmo, permanecendo seguro ali onde está? Tendo compreendido isso, o jovem discutiu consigo mesmo.

**“Só, comigo mesmo.  
Outra vez perco para mim.  
Mendigo de atenção;  
Me empanturrei com porções de razão.  
E agora sinto que não vejo.**

**Nesse maldito jantar;  
Fui o garçom, o cliente;  
O cozinheiro e o atendente.**

**Comi do alimento que eu mesmo preparei.  
Sentei-me na mesa que eu mesmo arrumei.  
Contudo, não era minha mesa, nem era  
meu o alimento.  
E agora reclamo de desconforto;  
Por ter que lidar com a dor que essa comida  
me causou.**



Nesse jantar comigo mesmo;  
Quem ousaria me contestar?  
Nesse jantar sou soberano.  
Quem em autogoverno julga a si mesmo?

Maldita liberdade;  
A Liberdade de fazer o que quero.  
Servi-me a mim mesmo, e não me agradei do que preparei.

Adam, Adam!  
Nesse jantar comigo mesmo;  
Te conheci ainda mais;  
E agora entendo a diferença.

A diferença entre a comida que dá a vida e aquela que mata.  
A diferença existe nas mãos de quem a serve.

Servi-me a minha própria medida;  
E nessa mesa coube apenas eu.  
Nesse jantar comigo mesmo, entendi;  
Há uma mesa posta, mas não é tempo de se fartar.  
É tempo de avisar os convidados.  
Pois nesse jantar, a mesa não foi feita para que eu coma só;  
Só comigo mesmo.”

Tentado pelo próprio desejo, por esse foi  
arrastado e seduzido. Então esse desejo tendo

sido concebido, deu luz ao pecado e esse, uma vez consumado, gerou morte, de modo que os velhos sentimentos de pressa e insegurança tornaram a governar. Contudo, pela quadringentésima nonagésima vez foi deseso de si mesmo por aquele que veio, não para condenar, mas para servir vida e, tendo sido novamente absolvido, compreendeu que a razão pela razão tem grande poder de isolar as pessoas umas das outras.

**“Árduo estava sendo o trabalho de encontrar  
gratidão em meu coração;  
Pois solitário tem sido o caminho.**

**Então compreendi;  
Servir não é uma questão de estar certo.  
Tão pouco estar certo é motivo para me orgulhar.  
Compreendi;**

**É impossível que o resultado da vida seja uma  
soma positiva.  
Pois o custo dela é a morte do meu querer.  
Contudo, meu querer, continua vivo, escondido;  
Atento a cada fenda que há em meu coração.**

**Então compreendi;  
Para encontrar a gratidão, é preciso olhar para outro lugar.**

Quem é capaz de segurar a própria fúria?  
Quem é capaz de medir a si mesmo?  
Errei ao me entregar a minha própria justiça.

Adam, Adam! Por que ainda te ouço.

Se reclamo que tenho vivido uma soma negativa,  
significa que tenho vencido.  
Se tenho vencido, significa que já não sou eu  
que tenho vivido.  
Aqui está a gratidão;  
E o amor que me faltou.

Recebi vida;  
Que eu a ofereça na mesma medida.  
Que a graça domine sobre minha razão;  
Para que essa não domine mais sobre mim.

Assim, gratidão afogará minha solidão;  
E coragem encontrara outra vez o seu lugar.  
Pois não é preciso valentia para anunciar condenação;  
Tão pouco é necessário bravura para apontar o dedo.

Mas eu encontraria dentro de mim força para  
perdoar?"

Doug se lembrou que ao sair daquele local terrível, ainda sentado à beira da calçada, o cansaço o levou a tirar da sua face o espelho que carregava. Recordou então da ordem que lhe fora dada. Imediatamente alcançou a sua mochila e, abrindo-a, pegou o espelho que lhe foi confiado e, segurando-o em frente ao rosto, prometeu nunca mais abaixá-lo.

A dura que levou foi extremamente necessária para relembrá-lo da mensagem original. O tempo tem o poder de corroer todas as coisas, tanto as físicas como espirituais e, de fato, este já havia danificado o que lhe havia sido confiado.

Dezesseis anos se passaram desde a sua primeira viagem e ainda não era chego a hora de falar. Por isso o Amor lhe apareceu novamente em forma de correção, livrando-o de si mesmo. Então, tendo sido corrigido, era hora de partir para o próximo local.

Descendo a escada em espiral, passou pelo salão vazio em direção a porta pela qual havia entrado. Pouco antes de sair por ela, olhou para trás e, vendo, sorriu.

Enfim o ponteiro se moveu.



KSILI

São duas as formas de enxergar todas as coisas.  
Circunstâncias sempre possuem mais de um ponto de vista.  
Certezas ruem completamente quando nos é servido mais uma quirera de  
informação.  
A mesma palavra pode ferir ou curar.  
A mesma língua que salva, pode matar.

O que era condenável;  
Pode ser limpo.  
O que era limpo;  
Pode se tornar condenável.

Para toda razão, basta o tempo;  
E o tempo basta para apagar da existência  
todas as coisas.

Se Ele não edificar a cidade,  
em vão trabalham os que a edificam  
e em vão vigia a sentinela.

Veja!  
Quem pode confiar no que os próprios  
olhos enxergam?  
Quem pode confiar nas coisas que a própria  
mente decifra?  
O que de novo foi encontrado,  
que previamente já não existia?



Acaso aquilo que não se sabe,  
é irreal, só por não sabermos;  
Ou aquilo que descobrimos,  
pode ser considerado nossa criação?

Agora entendo:  
“O tolo não tem prazer no entendimento;  
Mas sim em expor os seus pensamentos”

Que tolo fui!  
“Quem se isola busca interesses egoístas  
e se rebela contra a sensatez.”

Que tolo fui!  
Tudo o que falta ou passa da obediência,  
é apenas autopreservação.

Fiz de Sidero minha presa e daqueles que nela vivem,  
nada além de um colateral.  
Enxergando a ferrugem, concluí óbvia condenação;  
Pois foi só o que enxerguei.

Mas acaso o que desconheço, é irreal;  
Ou o que descubro, foi criado por mim?

De fato;  
“Ai da cidade sanguinária, toda cheia de mentiras  
e de roubo e que não solta a sua presa!”

**A condenação é real;  
Porém, não pertence a ela a última palavra.  
Então até que a Palavra termine de falar;  
Voltarei a obedecer.  
Pois são duas as formas de enxergar todas as coisas:  
A Tua e a minha.**

Sídero está completamente enferrujada. Dos prédios aos moradores, tudo estava igualmente desmedido e inchado. Tornou-se uma cidade conforme a imagem dos seus moradores, e seus moradores tornaram-se conforme a imagem da cidade. Pois aqueles que foram chamados a trabalhar, passaram também a construir conforme seus próprios planos.

Doug andava em direção ao próximo destino. Enquanto caminhava, seu coração apertava mais e mais com tudo o que estava vendo. Conforme avançava cidade adentro, passando pelas ruas largas em meio aos prédios enormes, não havia mais um detalhe sequer que o fizesse lembrar da formosa madeira que cobria tudo.

Já não havia mais nada que fosse feito de Sândalo.

Observando a situação de Sídero, inevitavelmente se recordou dos trabalhadores que havia encontrado no interior da antiga fábrica, da última vez que esteve na cidade.

— Aí está o resultado. É isso que realizam nossas mãos — sussurrou entristecido.

Ali no caminho, compreendia ainda mais o que significava a mensagem que carregava consigo e a urgência de entregar o espelho aos que foram chamados ao trabalho.

Passou um par de horas até finalmente avistar de certa distância, o próximo local previamente determinado na folhinha. Conforme se aproximava, observando a estrutura, contou que havia quatro andares a partir do nível da rua. Além disso, pôde ver ainda diversas janelas em volta do prédio.

Passaram-se mais alguns minutos até que enfim chegou. Estando ele agora bem em frente a um grande bloco, notou que havia ainda mais andares abaixo dos que eram visíveis de longe. Estando ele focado em sua tarefa, sem hesitar, logo procurou onde estava a porta de entrada.

A vista de todos, essa estava do outro lado de uma pequena ponte suspensa sobre uma faixa de grama fina. Não que estivesse com dúvidas, mas por costume olhou para o alto, com a intenção de conferir. Foi assim que reparou no centro de um molde redondo, o nome KSILI.

— Finalmente é tempo — disse, encorajando-se e se pôs a entrar.

Passando então pela ponte, adentrou por

uma porta de metal e vidro, que estava apenas encostada. Simples assim, estava no interior da construção. No hall de entrada, a sua direita, havia uma sala separada por vidro. Sobre uma pequena bancada, viu uma plaquinha que dizia “recepção”, portanto dali se aproximou.

Do lado interno da recepção, havia dois homens que conversavam entusiasmados um com o outro. Vendo o êxtase com que trocavam palavras, Doug, teve receio de interrompê-los. Porém, um deles rapidamente notou o visitante observando, interrompendo a conversa.

Esse que o viu, prontamente partiu em direção sua, com clara intenção de recepcioná-lo, sendo seguido pelo outro que estava ali.

Sem demora, os dois chegaram para cumprimentar Doug. Aproximaram-se dele semelhançamente a um predador quando avista uma nova presa. Foi impossível não notar neles o sorriso peculiar no rosto. Sorriso cujo verdadeiro propósito, até aquele instante, ainda não lhe era claro, contudo, dedurava que havia neles mais do que estavam dispostos a entregar em um primeiro momento.

— Olá, meu jovem! — disseram estendendo-lhe a mão. Os dois homens se identificaram como Chris e Josi.

— Seja muito bem-vindo, querido, ao nosso

centro de preparação — saudou Chris.

— Exatamente. Sinta-se em casa irmão — acrescentou Josi.

A recepção exageradamente calorosa e repleta de interesses causou certa estranheza.

— Olá!? — respondeu o jovem um pouco acuado.

Notando que o visitante ficou um pouco acanhado, na intenção de quebrar o clima constrangedor e suavizar o momento, Josi tomou a frente.

— Permita-me voltar um passo. Creio que podíamos nos apresentar para nosso amado — disse ele para Chris, que apenas correspondeu positivamente com os olhos.

— Bem, como eu disse previamente, me chamo Josi. Sou diretor executivo desse complexo estudantil. Posso diversas formações, incluindo mestrado, doutorado e pós-doutorado. Minha função aqui é...

Por cerca de cinco minutos Doug teve que ouvir o homem expor uma longa e detalhada descrição do seu currículo, que pessoalmente lhe pareceu ser considerado muito especial por seu locutor.

Antes que pudesse responder, Josi passou a palavra para Chris, que pelos últimos longos cinco minutos permaneceu em silêncio, apenas rubricando fisicamente cada linha da autobiográfica orgu-

lhosamente apresentada pelo colega.

— Fale um pouco de si também caro irmão Chris.

*Falar de si*, excelente descrição, riu Doug sozinho dentro de sua mente. Tentando manter o rosto de paisagem, o jovem agora se viu escutando a apresentação pessoal de Chris.

— Veja, assim como meu estimado colega muito bem falou, eu semelhantemente trabalho aqui no centro educacional. Nesse beato prédio .

Participei de todo esse processo de fundação que vem sendo desempenhado por nossos elevados líderes. Hoje, olhando para trás, posso certamente dizer Ebenézer! E aqui ao lado do nosso louvável coordenador, olhando para o futuro, afirmo que contemplo coisas grandes.

Somos uma casa de mobilização, despertar e formação para todos que almejam por uma cultura de paz, respeito e diálogo.

Esse prédio possui cerca de cento e noventa metros de comprimento, cento e cinquenta e seis metros de largura e por volta de cinquenta e sete metros de altura, que por sua vez estão divididos em seis níveis...”

Chris passou a descrever detalhadamente todas as medidas internas daquela imensa construção. Parecia saber cada detalhe daquele local que era



repleto de salas.

Os dois homens vislumbraram-se e, sem se darem conta da realidade e do tempo, encontravam-se ambos com o rosto colado na estrutura, como quem abraça alguém querido.

Com suas mãos, deslizavam os dedos maliciosamente na parede junto ao hall de entrada, como quem está em grande desejo, enquanto trocavam elogios e recomendavam-se a si mesmos. Semelhante ao que estavam fazendo dentro da salinha, antes de notar o visitante.

Doug ansioso para o fim daquela conversa, dessa vez interrompeu.

— Oi?! Olá! Teria problema se eu desse uma volta para conhecer o local? — perguntou.

Recebendo a permissão para perambular, aqui está tudo o que anotou durante dois anos observando de perto o que acontecia ali.

**Adam, Adam!**

**Há mais de uma forma de contar a mesma mentira.**

**Eu não via;**

**Agora entendo.**

**A falta de arrependimento é o início da  
ferrugem que consome a todos.**

**E o silêncio da verdade, é oxigênio para oxidação.**

A ferrugem não se apega só ao que tem aparência má;  
Também aquilo que é bom, corrói.

Vejam!

Ídolos nem sempre possuem um formato;  
Tão pouco carecem de um rosto.

A imagem está ganhando vida;  
E muitos têm a adorado.

Vi aqueles que foram chamados;  
Orgulhando-se das mesmas coisas para as  
quais foram chamados a combater.

Vi aqueles que foram chamados;  
Se calando, quando deveriam obedecer.

Vi aqueles que foram chamados;  
Se acovardado, em troca de migalhas.

Responda!

Vocês realmente acham que só vocês são  
fiéis em seus relacionamentos?  
Que somente vocês trabalham com dignidade?

Realmente acham que apenas vocês tomam  
conta dos seus pequenos?  
Ou que ninguém mais se prepara para futuro?

Só vocês se casam e se dão em casamento?  
Cuidam do próprio lar?  
Preocupam-se com o plantio?  
Guardam rigorosamente parte dos frutos da colheita?  
Ou tocam com maestria os seus instrumentos?

Creem de fato que são os únicos que se esforçam?  
Os únicos com fé?

Será que somente vocês, que foram chamados,  
carecem de preparo para os desafios da vida?  
Que só vocês choram quando perdem alguém  
querido;  
Ou sorriem quando reencontram alguém amado?

Acaso a sol nasce apenas para uns?

Adam, Adam!  
Há mais de uma forma de contar a mesma mentira.  
Ídolos nem sempre possuem um formato;  
Tão pouco carecem de um rosto.

A imagem tem ganhado vida;  
E muitos têm a adorado.

**Respondam!**

**Têm vocês sozinhos o poder de dividir ou de juntar?**

**De separar ou unir?**

**De curar ou condenar?**

**De decidir o que é bom e o que é ruim?**

**Acaso são vocês que tornam as coisas justas?**

**Podem com as próprias mãos retificar o  
caminho sinuoso;**

**Ou tornar tortuoso os caminhos do orgulhoso?**

**Podem vocês dar sabedoria ao humilde e  
humilhar o sábio?**

**Escutem!**

**Vocês semelhantemente criaram para si,**

**a própria justiça;**

**E com ela medem-se;**

**Medem os outros;**

**Medem todas as coisas.**

**Vi em uma sala, um expondo grande hermenêutica.**

**Que grande conhecimento era.**

**Belo e frutífero conhecimento seria;**

**Não fosse a arrogância, o orgulho e a insegurança.**

**Responda!**

Que valia tem o conhecimento;  
Se o relacionamento com o livro;  
Está acima do relacionamento com próximo?

O que vi ali era penas mais um;  
Ocupando-se com algo publicamente aprovado;  
Para promover a si;  
E ser aprovado publicamente.

Vi em outra sala, um expondo grande poimênica.  
Que grande conhecimento era.  
Belo e frutífero conhecimento seria;  
Não fosse pela falta de coragem e receio de  
ficar sem função.

**Responda!**

Que valia possui o conselho;  
Quando não é adotado por aquele que o deu?

O que vi ali era apenas mais um;  
Preocupado com o tempo;  
Ruminando arrependimento pelos testemunhos  
que não deu;  
Para não ser desaprovado ao final da vida.

Vi em outra sala, um expondo grande exegese.  
Que grande conhecimento era.  
Belo e frutífero conhecimento seria;  
Não fosse pela cegueira e desatenção.

Responda!

Que valia possui a conexão textual;  
Se os olhos não descolam do texto para  
enxergar quem está ao lado?

O que vi ali era apenas mais um;  
Preocupado em compreender todas as coisas;  
Traído pelo próprio conhecimento;  
Já não consegue discernir as coisas que ouve;  
Por isso já não houve mais.

Vi em todas as salas, uns assistindo.  
Que falta de conhecimento tinham;  
Que grande conhecimento seria;  
Não fosse maior a preocupação em expor  
conhecimento;  
Do que prazer no entendimento.

Responda!

Que valia possui um currículo;  
Se vivem na desobediência?



O que vi ali eram apenas mais uns;  
Esqueceram que sabedoria é dom;  
Não conquista.  
Esqueceram que reconhecer a voz do Pasto;  
É responsabilidade da ovelha.  
Escutem!  
Vocês semelhantemente criaram para si,  
a própria justiça  
E com ela medem-se;  
Medem os outros;  
Medem todas as coisas.

Ouçam o que Ele tem a dizer!  
“A cidade cairá sobre vocês;  
Mas vocês cairão em Minhas mãos;  
E não permanecerão caídos.”

Veja!  
A cidade já caiu e vocês estão sob ela.  
Venham, ponham o espelho de volta;  
Segurem-no a frente dos seus olhos.  
E só abaixem a mão, quando Ele disser.

— Até o presente momento, nenhuma das  
pessoas que ouviu Doug falar, o escutou.

SHAMAR

Tendo cumprido o que lhe foi dito, Doug saiu do prédio e, estando ele de volta a rua, parou por um instante alcançando na sua mochila o mapa para verificar qual será o próximo destino e, tendo o papelzinho em mãos, surpreso, viu que essa seria a sua última parada.

Era preciso admitir que as coisas não aconteceram da forma que imaginou. A cidade continuava condenada, as pessoas continuavam inchadas, vivendo para si mesmas e, aqueles que foram convidados a trabalhar, organizaram-se de tal modo que não cabe o próximo em seu meio.

O levedo fermentou completamente a massa, aperfeiçoando tudo para o mau. Engoliu a cidade junto com seus moradores e não havia absolutamente nada que o jovem pudesse fazer para alterar o curso de todas as coisas. Por outro lado, tendo compreendido com clareza que ‘todos os caminhos de uma pessoa são puros aos seus próprios olhos’, se esforçou para não voltar a questionar aquilo que não compreendia.

Caminhando um pouco menos ansioso, a mensagem foi entregue. O que passa disso, não era seu trabalho e o que passa do trabalho que lhe foi dado, é desobediência. Sendo assim, com o coração mais calmo, de alguma forma sentia que o próximo local lhe seria um momento agradável.

Conforme andava, o entorno não era mais novidade. Passava pelas coisas perdido em seus próprios pensamentos. Apesar da distância entre todas as coisas, o tempo corre diferente dentro da mente. Ele andava sem sequer notar os próprios passos.

Determinado momento, ainda com os sentidos adormecidos, sentiu um cheiro familiar que entrou por suas narinas, insuflando-lhe os pulmões, despertando-o do automático. O próprio ar entrou em seus pulmões sem que esses inspirassem e do mesmo modo saía dos pulmões sem que expirasse.

— Não pode ser!?!

Não deu outra.

— Que bom que você chegou! Venha, entre.

Ah, que bela voz era. Assim que ergueu a cabeça, olhando para a sua direita, em uma pequena lâmina de madeira estava identificado o nome do local: Shamar.

Que imensas saudades Doug sentia do velho. Como era bom ouvir outra vez com clareza a sua voz. Que maravilhoso era voltar a sentir o cheiro de sândalo e que deleite para os olhos é a beleza da madeira que formava aquela pequena casa.

Girando o corpo na direção da porta, logo

percebeu que toda a cidade estava inclinada sobre aquela pequena e firme construção de madeira. Era como se essa casinha fosse o sustento que impedia que Sídero desmoronasse por completo. Essa casa é a pedra angular.

Finalmente aceitando o convite, entrou e logo lembrou de cada detalhe. Tudo tinha exatamente o tamanho que deveria ter, estava exatamente onde deveria estar e servia exatamente para o que deveria servir. Cada móvel e cada objeto haviam sido feitos sob medida, artesanalmente. Em especial, Doug se emocionou muito ao rever o relógio que estava pendurado ao lado esquerdo da porta de entrada. Lindo relógio de madeira lisa e tons que alteravam conforme a luz refletia. Nele, apenas um único ponteiro movendo-se sem pressa, sem atraso e constantemente.

Ainda extasiado, desfrutando com os olhos, ouve novo convite.

— Venha, sente-se.

Lá estava ele. O maravilhoso banquinho.

— Que sensação gostosa — disse alto.

Retribuindo o sorriso, o Velhinho junta-se a mesa e, olhando fundo nos olhos do jovem como quem sonda o espírito, diz:

— Vamos. Eu sei que você deseja me perguntar.

Assim que ouviu, tomando postura e se preparando, Doug faz a pergunta.

— A ferrugem venceu?

Aqui está tudo o que o Velhinho falou.

Se vocês me amam, obedecerão aos meus  
mandamentos.

E eu pedirei e ele lhes dará outro Conselheiro  
para estar com vocês para sempre;

O Espírito da verdade.

O mundo não pode recebê-lo, porque não  
o vê, nem o conhece.

Mas vocês o conhecem, pois ele vive com  
vocês e estará em vocês.

Contudo:

Abandonaram a Rocha, que os gerou;  
Se esqueceram daquele que os fez nascer.  
Sentindo-se provocado, os rejeitou;  
Porque foi provocado pelos seus filhos  
e suas filhas.

Disse então:

Esconderei o meu rosto deles;  
E verei qual o fim que terão;  
Pois são geração perversa, filhos infieis.



Nação sem juízo;  
não têm discernimento.

Quem dera fossem sábios e entendessem;  
Que compreendessem qual será o seu fim!  
Pois a rocha deles não é como a nossa Rocha.

Olharam para os céus e, vendo o sol, a lua, as estrelas;  
Foram seduzidos;  
Inclinando-se diante deles.

Tornaram-se impiedosos;  
Com a impiedade, veio também o desprezo.  
Com o desprezo, veio a desonra;  
Com a desonra, veio a vergonha.

Meus filhos favoreceram os ímpios;  
Para privar da justiça o justo.  
Violaram a aliança;  
Tornara-se tolos.  
Seus lábios são armadilha para a alma.  
Suas falas eram macias, porém no coração  
havia guerra.  
Suas palavras eram suaves;  
Mas de fato eram palavras afiadas.

Uniram-se com falsos mestres;  
Receberam para si, suas falsas doutrinas;  
E agora rejeita aquele que os salvou.  
Em sua ambição pelo dinheiro;  
Esses falsos mestres os exploraram;  
Contando histórias inventadas.

Tentados pelos seus próprios desejos;  
Esse fez com que nascesse o pecado;  
Esse, estando maduro, produziu morte.

Ouçam!  
Prefiro misericórdia a sacrifício.  
Não permito que meus santos sofram decomposição;  
Nem os abandono.

Não se afastem da esperança que lhes foi anunciada;  
Ouçam o que tem sido proclamado debaixo do céu.  
Aceitem a correção;  
Pois vocês são julgados e castigados para que  
não sejam condenados como a cidade.

Os maus e fingidos, vão mal a pior;  
Enganando e sendo enganados.  
Mas vocês;  
Continuem firmes nas verdades que aprenderam.  
Não desviem nem para a esquerda;  
Nem para a direita.  
Pois quem não fica com meu ensinamento;  
Mas vai além dele;  
Não me conhece;  
Nem conhece a aquele que me enviou.

O joio foi plantado;  
Crescendo em meio ao trigo;  
E ali permanecerá;  
Até o dia da colheita.

A seara está pronta;  
As sementes estão em minhas mãos;  
Mas poucos são os trabalhadores.

Tendo visto o Herdeiro;  
O sacrificaram.  
O que fará com esses o Senhor dos campos?

**Ouçã!**  
Você que tem sido chamado.  
Abram os olhos;  
A vida é encontrada no próximo;  
Não há outra que valha a pena ser vivida.

O governante que espalhou a ferrugem;  
Não possuí poder sobre mim.  
Contudo, vigiem.  
Vigiem, pois o tempo lhes furtou a atenção.

Suas próprias vontades tomaram lugar indevido.  
E seus próprios desejos ganharam força.

**Ouçam!**  
Sou eu quem capacito aos que chamo.  
Eu envio os que convidei.  
Sou eu que ponho à mesa o pão e o vinho;  
Servindo-lhes com fartura.

**Ouçam!**  
Ouçam todos vocês que outrora foram chamados;  
Mas esqueceram-se de mim.  
Aquele que me ama, me obedece;  
E a ordem que dou é essa:  
Amém uns aos outros, como Eu os amei.

Sou eu quem cuido da treliça;  
Eu quem sou aquele que cuida da videira;  
Esse trabalho pertence a mim.

Ouçam!  
Quem os salva, sou Eu;  
Quem os condena é a desobediência.  
Todo aquele que me obedece;  
Vive para morrer pelo próximo;  
De acordo com minha vontade.  
Todo aquele que obedece, sofre;  
Sofre por não viver para si mesmo.  
Mas a esses, pertence a vida eterna;  
Sobre esses, a ferrugem não vencerá!

Tendo ouvido a todas essas coisas, Doug  
apenas respondeu:

— Adam, Adam!  
Contra ti luto ferozmente;  
Grande a tua força.  
Porém dentro de mim há outra lei;  
Uma que me traz prazer em cumprir.  
Graças a Deus, por Jesus Cristo!



MeetEliah

Produzido por MeetEliah  
Curitiba, 2025

Elaborado por Diego Weingaertner /  $\pi 2$

Ilustrações, design e diagramação  
por Eduarda Trelha